ESPÓLIO PINTO QUARTIM
Nº 808 Doc. 275

A BATALHA

A emancipação dos trabalhadores há-de ser obra dos próprios Trabalhadores

Orgão da Confederação Geral do Trabalho — Aderente à A. I. T.

ANO XXXI — PREÇO 50 cent. || PORTUGAL—DEZEMBRO DE 1949 || SERIE V — NUMERO 21

DESCOMPOSIÇÃO CAPITALISTA * *

OS grandes potentados, que dirigem os destinos do mundo,—a alta banca e a alta finança—não querendo que se dê ao problema social a sua justa solução, tratam de o atrapalhar e complicar cada vez mais.

O progresso científico colocou nas suas mãos prodigiosas riquezas, que só querem utilizar em benefício próprio, embora sacrificando o resto da humanidade.

A consciência do crime que praticam trazem-nos, porém, perturbados e inquietos, e isto revela-se nos seus actos insensatos e contraditórios.

Receiam, simultaneamente, a perda dos seus privilégios e a justiça popular que lhes peça contas pelos males que têm feito.

Após a conflagração de 1914-1918, perante o descontentamento e clamor dos trabalhadores italianos, apoiaram as hordas fascistas capitaneadas pela celerada Mussolini, e como seu apoio foi morte, permitiram que não só o seu sistema de violência e de regressão se mantivesse e alí durasse muitos anos, mas até que se estendesse a outros países como Alemanha, Espanha, Portugal, Argentina, etc.

E, quando perceberam, que sobretudo, na Itália e na Alemanha, esses nefastos regimes estavam na iminência de morrerem afogados na lama dos seus adeptos e no sangue das suas vítimas, planearam então a monstruosa guerra de 1939-1945 sob o pretexto de esmagar o fascismo, mas com o pensamento reservado de o estender a todo o mundo.

Tentaram fazê-lo em França, com a camarilha de Petain, e se não fosse a reacção da opinião pública inglesa Chamberlain tinha tentado o mesmo no seu país.

Os acontecimentos transtornaram-lhes os planos, mas não os fizeram mudar de idéias, e assim, apesar da queda de Hitler e Mussolini, continuaram a apoiar o fascismo em Portugal e Espanha, e noutros Países.

Agitam o espantalho do «comunismo» para defender Franco e temear a confusão na opinião pública, embora sabendo que o partido comunista é de fraca influência na Espanha, e muito pouco popular pela obra derrotista ali realizada durante a revolução de 1936-39.

O que eles temem, de facto, é a força e a influência das organizações libertárias C. N. T. e F. A. I., que não visam substituir uns governantes por outros, mas sim a socialização da propriedade e destruição do Estado.

Pacto do Atlântico, necessidade de domínio de Espanha nesse Pacto; visita de Franco a Portugal; divisão da Alemanha em duas zonas, são todo complicações para desviar pontos nos olhos do proletariado, para que êles se desorientem, e solicitando não exija o que lhe prometeram durante a última hecatombe mundial.

Apesar de tantas promessas, a vida torna-se constantemente mais difícil para os trabalhadores; regalias e liberdades são cortadas, e sob todas as regimes fascistas, democratas, trabalhistas ou bolchevistas, vão aparecendo tolhas as aguras provenientes da escravidão do salário.

Em Portugal, queiram se ou não a lavoura de prejuízos que não lhe permitem acudir aos trabalhadores desempregados, mas, apesar de tanta lamúria, não largam a terra do mão, entregando-as à comunidade.

O mesmo sucede em todas partes, evidentemente, porque o problema não será resolvido pelas castas dirigentes, mas pela iniciativa dos próprios trabalhadores.

Sentindo estes organizados segundo as técnicas libertárias, que preconiza a C. G. T., que não de pérfim a todos os sistemas autoritários, que só têm servido para conduzir as sociedades humanas à ruina a ao caos, e não de lançar os alicerces dum novo sistema baseado na harmonia dos interesses, mediante a destruição do regime da propriedade privada e do Estado seu defensor—burguês ou proletário.

A tragédia do TARRAFAL

A Obra Monstruosa do Salazarismo

Por ACRACIO

ENQUANTO existirem enclausurados nas várias masmorras salazaristas indivíduos cujo único crime a pesar nas suas lúcidas consciências é o de serem anti-fascistas, inimigos sinceros do hediondo sistema de opressão, de descarado latrocínio e de irritante imposição clerical que sofremos há mais de vinte anos, jamais deixaremos de gritar o nosso indignado protesto—por mais que contra isso se esforçem os cães de guarda de Salazar.

No célebre «Campo da Morte» do Tarrafal, as vítimas são castigadas dia dum mais recrudescente, o ambiente é pesadíssimo e apoverante. A gamas das mais de milhares de classe operária vêem num sofrimento de um tanto e bressalto, tendo as mais diferentes cores das cores do carvão.

Sempre que corre a polícia da sua inutilidade de um director, logo ela, na fatalidade dos reclusos uma pontinha de alegria e a quase convicção de que o substituto, embora mau, é já um pouco mais humano.

No entanto, nos dias portas a especulação e a dúvida, todos se interrogam: tal será o sentimento do novo despotas? Mas não se atrevem a dar uma resposta, receiosos de cairem em erro. Pois todos alimentam, todos, contudo, contrariam os acontecimentos e receiam que os carcereiros das pessoas responsáveis pela direcção do terrível Campo de Concentração se lhe antepõem.

Por isso preferem aguardar a emissão do novo conservador do campo e lemos poderá revelar-se bias ou mas qual da bias, ra altos ou baixos sentimentos dos seus verdugos.

Um dia que tivemos ocasião de fazer a história dos monstruosos crimes perpetrados nas prisões que tiveram a infelicidade de cair nas malhas da fascismo portuguesa, não então todo o Mundo terá razão de sentir o «ação de um ser existente entre a camarilha nefa ta do salazarista e o clero.

Muitos dos carrascos conhecemos nós que tem portrait to a fisionomia dos «santos» religiosos e em frente das suas reminiscências (nos confessores) eliminam-se dos crimes cometidos, e criam-lhe alento para novos cometimentos se vetificos.

Na tristemente célebre «Campo da Morte» tem terrbado inúmeros militantes da classe operária. Os quais, com um pouco chinho de boa vontade dos seus algozes e de mui respeito pela dignidade dos seus vítimas, ainda hoje poderiam continuar a viver.

São imensos os casos em que os presos, ao cadáver dos fortes tuberculosos, são forçados a executar, ainda cheios de tuberculose, que ainda alguns tenta transfortar a sua debilidade física, imediatamente e juntado a de vinte ou mais dias de «fugas» e, e morte por cumprimento da obrigação de alimentar.

O médico, no mas tal de «presos», não tem possibilidade e o «conhecido» anormal doutrosse. A sua missão é meramente decorativa e raramente intervém a favor de qualquer doente, e quando o faz, é em tons humoristicos e com el rezas pouco convincentes, tornando-se de tal maneira um complice dos assassinatos e ali levados a efeito.

Para alestar isto facto, basta apontar um dos tantos e um dos tantos ocorridos. Manuel da Costa atividamente co ervado pelo médico, este declarou ao director que não valia sem a «Ação» porque, no caso de não observar de seus conselhos, lhe acessaria a morte.

Assim veio a suceder. O verdugo-chefe, mandou-o sondo as palavras do homem que ordenta o título de «Doente» e, não, para não ter prestado, do preso a sua guarda, não teve ou quis ordenar de novo o envio do prisioneiro para a enfermaria, prisionado assim, conscientemente e com crueldade premeditada, mais um crime de morte.

Apesar de terem sido fugentemente dentrestados os conselhos do médico, não consta que este tivesse reagido, como teria em dever, aos contumazes atrgiles e pareceres com o director, receoso de perder colocação tão alegremente remunerada.

E desta forma desbumana que os selvagens fascistas portugueses tratam as suas vítimas. Em vez de colaborarem para a sua recuperação, «despedem» em vez de «medicamentos», as mais duras pancadas e em vez de cura a morte.

Trabalhadores! Já é tempo, deem-dos em bloco, reclamemos a libertação dos nossos camaradas e evitemos que os ministros sejam vítimas de Salazar continuar infelizmente a cometer maior número de crimes!

Se não agirmos rápidamente, tornar-se-á tarde o nosso apoio e contribuiremos grandes responsabilidades no futuro.

Exigir a liberdade dos presos é um dever que se impõe a todos os amantes da liberdade!

Pensamento e Acção *

A política malabar dos partidos nada tem a fazer na presente conjectura histórica que atravessam os povos ibéricos. Só a acção directa revolucionária dos trabalhadores poderá libertar a Península do jugo tenebroso de Franco-Salazar. Firmes neste pensamento, a acção dos militantes libertários deve ser concordante, criando as bases orgânicas e morais que assegure o êxito do esforço colectivo do operariado, e torne impossível a entronização duma nova classe dirigente que, disfarçada de «proletária», escamoteia as conquistas revolucionárias.

CAMARADA: a «COMISSÃO NACIONAL DE SOLIDARIEDADE CONFEDERAL» reclama a tua cooperação!

A BATALHA

E HOJE, quando a liberdade escasseia e a tirania dicta leis, que devemos demonstrar todo o vigor da nossa espiritualidade colocando-nos na vanguarda da luta pelo bem-estar do povo que trabalha e sofre.

AOS HOMENS LIVRES, á CONSCIENCIA UNIVERSAL

A liberdade está em perigo. Prepara-se a guerra nos bastidores dominando. A civilização está ameaçada duma capitulação vergonhosa do pensamento humano. Os métodos totalitários corroem o mundo como um cancro. Na sua realização mais perfeita, o imperialismo Estalinista ganhou uma parte da terra.

Mas em todas as partes alguns homens lutam, duramente, por libertar-se da afronta e salvar a civilização. Entre os povos escravizados, o de Bulgária resiste heroicamente.

Este povo débil em importancia numérica, mas cultivado, entre a vida da liberdade, sofre sob a bota de ferro moscovita. A sua escravidão e o martírio dos seus melhores filhos — os que conservam um pensamento e uma consciencia livre — desenvolve-se duma maneira sistemática e segundo um plano premeditado. Todos os que na Bulgária não pensam como ordena Estaline e seus servidores, estão condenados a uma morte certa. Anti fascistas provados, anarquistas e sindicalistas, que foram no tempo da luta contra o fascismo a alma da resistencia, povoam hoje os Campos de Concentração e sofrem os tormentos que lhes infligem os verdugos estalinistas.

Bulgaria é hoje um imenso Campo de Concentração, um triste cemiterio. Todos os que não se curvam, todos os que guardam o seu orgulho e o seu ideal de liberdade, estão destinados a desaparecer com as suas familias para glória do comunismo. Em 24 horas, são obrigados a abandonar o seu domicilio, despedidos do trabalho e seus filhos expulsos das escolas e das universidades; se lhes retira a Carta de Alimentação. É preciso que morram de fome! Como «vagabundos» são condenados a trabalho forçado nos «Campos de Trabalho» ou nos Campos de Concentração. Ali, um regime sabiamente combinado de subalimentação, de frio, de trabalho forçado e de torturas, os condenam a uma morte lenta, mas espantosa e segura. Mesmo a solidariedade é um crime, castigado com o envio a um Campo de Concentração.

Este regime não tem já necessidade de conduzi-los á morte; em grande escala é o refinamento de uma morte pelo trabalho o que triunfa e sobrepõe nos que são destinados e eis a lenta agonia dos condenados. Não é mais cruel e despiedado que as execuções pela morte do cu... cadeira eléctrica, que noutro tempo provocaram no mundo campanhas de indignação? Haverá desaparecido a sensibilidade humana?

Dignos representantes dum ideal sublime de libertação humana, sem compromissos nem retrocessos, os nossos camaradas recebem todos os dias os golpes com uma virtude tranquila que desconcerta e inquieta aos representantes da Inquisição moderna, e concentram neles as esperanças do Povo.

Esses homens, que arriscam a sua vida e enfrentam todos os sofrimentos por salvar, não só a liberdade do povo bulgaro, mas tambem a de toda a Humanidade, para a libertar da carcomida ditadura comunista, apelam á solidaridade internacional dos trabalhadores e de todos os homens livres, para que os ajudem a vencer a esta agente de morte.

Permaneceremos indiferentes a esse apelo vibrante e patético que nos chega do outro lado da «cortina de ferro», atravessando fronteiras, mares e montanhas? Poderemos permanecer surdos a esses gritos de angustia, nós, que até ontem fomos perseguidos e torturados nos Campos do hitlerismo e dispersos por todos os cantos do globo, conhecendo os sofrimentos do desemprego forçado e de um lar sem pão? Podemos deixar morrer de fome os nossos camaradas e suas familias?

Alguns francos subtraidos ao salário quotidiano dum trabalhador, não representam mais que um leve sacrificio, enquanto que este dinheiro, procedente de todos os povos do mundo, permitirá salvar aos camaradas bulgaros e a suas familias duma morte certa, e lhes ajudará a reconquistar a sua liberdade e a nossa ao mesmo tempo.

Trabalhadores de todo o mundo, homens livres e conscientes! É preciso levantar a voz de protesto contra a barbárie do século XX! É preciso, com a nossa ajuda material e com a nossa participação consciente e voluntária, tomar proporção com o que eles sofreram, salvar os nossos camaradas em perigo! Já é tempo de ver claro! Agitai o entendimento, despertai as consciencias, sublevai o mundo! A solidaridade revolucionária é a nossa salvação!!

A «Comissão de Ajuda aos Anti-fascistas de Bulgária» se encarregará de fazer chegar integramente o produto de vossa solidaridade. Militantes e massas, Sindicatos, Organizações de vanguarda: a Comissão chama ao vosso coração, á vossa solidariedade, ao vosso amor pela liberdade! O espirito de solidariedade vencerá a barbaria moderna! Com ela, proclamaremos altamente que os inimigos da liberdade estão proscritos do seio dos povos livres e a nossa fé no destino da Humanidade.

A Comissão

47, Rue de la Victoire—Paris (9e

C. C. P. Laurente 3443—63 Paris

(Do Serviço de Imprensa da A. I. T.)

Maria Luisa Berneri

EM Londres, no dia 13 de Abril, apenas com 31 anos de idade, dum ataque de pneumonia, morreu a camarada anarquista italiana Maria Luiza Berneri. Foi uma grande perda quer para o movimento anarquista britanico e italiano, quer para a Causa do Anarquismo e do autentico Socialismo.

A familia Berneri ficam os trabalhadores de todo o mundo a dever alguma coisa de grande e de valor.

O pai de Maria Luisa, Camilo Berneri, professor de filosofia, fugido ás iras de Mussolini, combateu em Espanha durante a guerra na frente de Aragão, e trabalhou na retaguarda na organização do movimento; mas veio, afinal, como tantos outros, a ser cobardemente assassinado na sua propria residencia em Barcelona, durante os tragicos acontecimentos em Maio de 1937, pelos partidarios de Estaline, que não viam com bons olhos a influencia sempre crescente do anarquismo ibérico. Sua mulher é hoje uma das mais activas animadoras do movimento anarquista italiano, dirigindo a revista teorica «VOLUNTAD».

Maria Luisa desenvolveu desde o tempo da guerra civil uma espantosa actividade em Londres em defesa da Revolução Social espanhola. Publicou o jornal «A ESPANHA e o MUNDO» desde 1939 a 1942. Era redactora do «FREEDOM PRESS» um dos melhores orgãos anarquistas que presentemente existe, sendo a animadora da União dos Grupos Anarquistas da Grã Bretanha. Os camaradas anarquistas da Inglaterra muito vão sentir a sua falta.

A sua morte causou grande impressão não só nos meios anarquistas internacionais, mas tambem entre os verdadeiros intelectuais e homens progressivos de toda a Europa e América. Centenas de telegramas de todo o mundo foram recebidos em Londres.

Nós, os anarquistas e sindicalistas revolucionários de Portugal, tambem queremos, aqui nas colunas d'A BATALHA, unico orgão clandestino dos trabalhadores revolucionários portugueses que presentemente se publica neste cantinho martirizado de Ibéria, testemunhar o nosso profundo desgosto pela morte de tão nobre companheira.

Os homens e os governos passam; mas não as ideias e as iniciativas que brotam nas lutas para a conquista do progresso e da liberdade.

VICTOR HUGO

Politica Sindical

AS INTERNACIONAIS

COMO era de esperar, efectuou-se, rapidamente a alteração Sindical Mundial, criada no após guerra sob a influencia dos governos triunfantes.

Não tendo sido criada pela iniciativa das massas, trazia já os germes da desagregação que se manifestaram logo que se desentenderam os dirigentes aliados.

A C. G. T. portuguesa nunca se iludiu com o número dos seus aderentes, cujos milhões pareciam fascinar muita gente, e manteve-se fiel á velha A. I. T. de base libertária e federalista, onde os governantes não têm cabida nem podem dar ordens.

A esta Internacional acabarão por aderir todos os trabalhadores conscientes, que declarem, como o americano Walther Reuther no recente Congresso de Londres, para a criação duma nova Internacional, que «não querem escolher entre Estaline e a Standar Oil, entre o comunismo de Moscovo e o capitalismo da Wall Street».

O representante da Federação G. dos Trabalhadores, o belga Lewis Major, também afirmou: «o nosso proposito é edificar uma Internacional livre da influencia dos governos e dos patrões». Nestas condições só existe a A. I. T.

A «Corrupção de Costumes»

O Salazarismo e a Instrução

A maneira como as questões de ensino são orientadas em Portugal, constitue, tambem, uma fonte de degenerescencia moral, contribuindo, naturalmente, para o relaxamento dos caracteres.

De facto, todas as reformas da instrução do Estado Novo só tem tido como objectivo complicar o problema educativo. Até os professores de instrução primária têm instruções para criarem aos alunos as maiores dificuldades possiveis, de forma que tirar um curso torna-se um empreendimento tão custoso, que aqueles que se dispõem a fazê-lo, o mundo terminam com o seu proprio esforço, tem que renunciar a gozar a sua juventude, — e se não forem bastante robustos ou inteligentes, preparam-se para a sua eventual entrada num sanatório ou no manicómio. Mas, claro está, que são excepções os que terminam os estudos. O grande número trata de se defender contra esse perigo, cabulando, «engraxando», ou recorrendo á cunha, e, consequentemente, entram na vida pratica já abandalhados, por estarem desacostumados a trabalhar com independencia.

Portanto, para singrar na vida sem muitos incomodos, estão aptos a cometer as mais ignóbeis torpezas e indignidades.

E é por isto que as reformas do ensino do Estado Novo prosperam, porque é com ele que os regimes totalitarios formam os seus aliados, visto que, para subsistirem, precisam de individuos sem personalidade que se submetam como automatos ás suas imposições.

Como se sabe, têm sido expulsos de várias escolas professores que não lêem pela cartilha de Loyola; contudo, incompetentes e imorais, como Ricardo Jorge e Forjaz Pimentel, continuam a leccionar na Faculdade de Ciências, embora toda a gente saiba, incluindo as figuras responsaveis das organizações católicas, que pela sua perversão não são dignos de conviver com raparigas.

Mas basta merecerem a confiança do salazarismo, para serem mantidos, porcamente, nos lugares que ocupam, podendo contagiar com os seus vicios a mocidade feminina.

Estes factores são, pois, mais importantes do que as «más leituras» ou os «maus espectáculos» para a corrupção dos costumes, e o Estado Novo não lhe põe cobro, antes os cria.

★ A Batalha ★

para cumprir plenamente a sua missão revolucionária requere o apoio decidido e sincero de todos os militantes libertários. Ser ou não ser! A hora presente exige que afirmemos com OBRAS o nosso amor á liberdade!